

AMPLIANDO O CAMPO TEÓRICO-SINTÉTICO DA MUSEOLOGIA: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS DA MUSEOLOGIA LGBTQIA+ PARA ANCORAGEM EPISTÊMICA DA MUSEOLOGIA SOCIAL

EXPANDING THE MUSEOLOGY THEORETICAL-SYNTHETIC FIELD: THEORETICAL CONSIDERATIONS ABOUT THE LGBTQIA+ MUSEOLOGY TO ANCHORAGE EPISTEMOLOGICALLY SOCIAL MUSEOLOGY APPROACH

Sérgio Rodrigues de Santana^a
Josemar Henrique de Melo^b
Eliane Epifane Martins^c
Lília Mara de Menezes^d
Ana Cleide Patrício de Souza^e

RESUMO

Objetivo: Delimitou e discutiu três dimensões epistêmicas a partir dos estudos da Museologia LGBTQIA+, como propostas de fundamentação epistêmica da Museologia Social. **Metodologia:** A pesquisa adotou a abordagem qualitativa; a hermenêutica, como método; apoiou-se teoricamente nos estudos da Museologia Social e a orientação epistêmica adotada foi a Interdisciplinaridade Linear. **Resultados:** Conclui-se que as dimensões 'Idenidades e memórias', 'Reparação e justiça social' e 'Riscos e Proteção do futuro' compreende a essência que compõe a noção de social. Elas podem ser apontadas no âmbito da Museologia Social como ancoragens epistêmicas no alargamento da fase teórico-sintético para a compreensão das comunidades sub representadas. **Conclusões:** As dimensões sistematizam a compressão e a

^a Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Brasil. E-mail: sergiokafe@hotmail.com

^b Doutor em Documentação pela Universidade do Porto (U.Porto), Portugal, com reconhecimento em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente do curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), João Pessoa, Brasil. E-mail: josemarhenrique@gmail.com

^c Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente do Curso Técnico em Biblioteconomia do Instituto de Educação Estadual do Pará (IEEP). Bibliotecária da Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém (CODEM). Belém, Brasil. E-mail: jadyeliane@gmail.com

^d Mestra em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Docente no Ensino Fundamental ao Prefeitura Municipal de Governador Dix-Sept Rosado (PMGDR), Governador Dix-Sept Rosado, Brasil. E-mail: liliamaram@hotmail.com

^e Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Brasil. E-mail: ana2004cleide@hotmail.com

minimização das lógicas do preconceito e da discriminação que toda comunidade sub representada experimenta acerca de seu legado no tempo e espaço.

Descritores: Museologia Social. Museologia LGBTQIA+. Epistemologia. Hermenêutica.

1 INTRODUÇÃO

Os conflitos de Stonewall nos EUA em 1960 e a primeira Parada do Orgulho LGBTQIA+ de São Paulo no Brasil em 1996 são alguns dos marcos memorialísticos-históricos da visibilidade LGBTQIA+ (Santana, *et. al.*, 2022). Eles também são exemplos que compõem o legado LGBTQIA+, esse que precisa ser acolhido pela Museologia, área do conhecimento que estuda a relação entre os museus e a realidade dos sujeitos por meio dos objetos tangíveis e intangíveis (Silveira, 2021).

Nesse texto, se compreende como legado LGBTQIA+ as identidades (estéticas, subjetividade e intersubjetividade); a memória (história); cultura (costumes, hábitos, práticas expressões e domínios); patrimônio (i)material (artefatos tecnológicos e culturais) LGBTQIA+ e também a informação gênero-sexualidade. Essa última que versa nos conteúdos informacionais e comunicacionais com potencial de agenciar as demandas dos corpos e *psiques* LGBTQIA+ (Santana *et al.*, 2022).

A Museologia como campo de estudos precisa formar museólogos no campo epistemológico, do mesmo modo as discussões da relação Museologia Social, Museologia LGBTQIA+ e legado LGBTQIA+ precisam ser aprofundados e alinhados epistemologicamente, fato que depende da sensibilidade e empenho dos museólogos sociais, que pode ocorrer também em parceria com os cientistas da informação, logo com a Ciência da informação.

A Museologia LGBTQIA+ parte das Museologias dissidentes, é a uma abertura de mentalidade, e nela não se pensa e nem fala do sujeito a partir do prisma colonialista, pois a Museologia LGBTQIA+ é o espaço dos corpos e *psiques* historicamente violentados (Ladeia; Castro, 2022). A Museologia LGBTQIA+ está situada na Museologia Social, abordagem em que traduz os esforços de adequação das estruturas histórica, teóricas, práticas epistêmicas museológicas das demandas da sociedade pós-moderna (Moutinho, 1993).

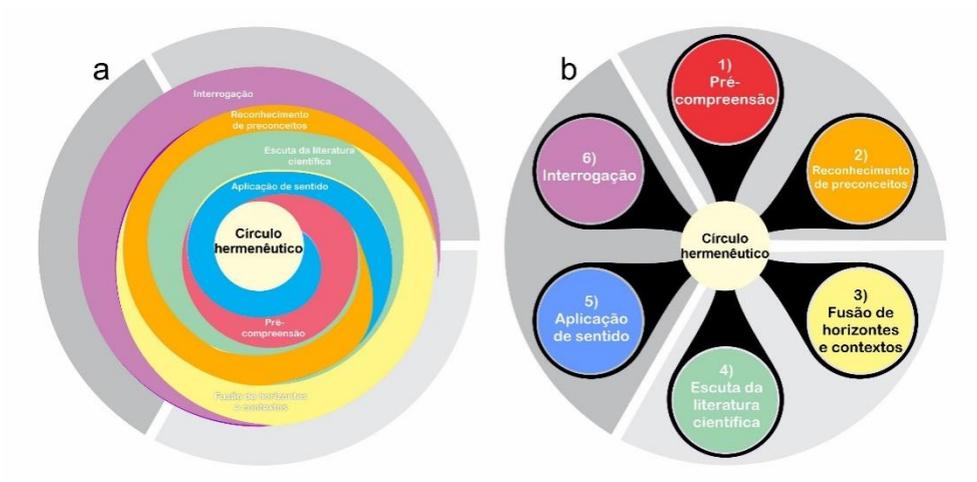
Diante do exposto, quais os discursos da Museologia LGBTQIA+ que produzem dimensões epistêmicas? Como base abordagem qualitativa; método hermenêutica; e como base no referencial teoricamente nos estudos da Museologia Social e a orientação epistêmica Interdisciplinaridade Linear, o estudo descreveu e discutiu três dimensões epistêmicas: 'Indenidades e Memórias', 'Reparação e justiça social' e 'Riscos e Proteção do futuro' a partir dos estudos da Museologia LGBTQIA+, como propostas para ancorar epistemologicamente a Museologia Social.

2 METODOLOGIA

A pesquisa adotou a abordagem qualitativa, pois foca ações subjetivas e atende a perspectiva teórica-epistêmica, pois essa última evidência os construtos científicos já edificados e as novas derivações deles (Santana *et. al.*, 2022), como, por exemplo, o estudo do legado LGBTQIA+ e as dimensões epistêmicas que emergem dela.

Adotou-se a Hermenêutica como método, comumente abordada por duas perspectivas, a ontológica, que remete para a interpretação de uma realidade, e a perspectiva epistemológica utilizada nesta pesquisa, que remete à interpretação de textos, conceitos e linguagens que compõe discursos teóricos da Museologia LGBTQIA+.

Figura 1 – Círculo hermenêutico da investigação



Fonte: Elaborado pelos autores e autoras (2023).

O método hermenêutico revela-se pertinente na Museologia, e, especialmente, nesta investigação, pois, ela permitiu que a averiguação se mantenha sob o escudo do paradigma interpretativo (Almeida, 2022), e por respeitar o compromisso entre o sujeito de lugar de fala LGBTQIA+ e o objeto de investigação, os estudos teóricos, temáticos e conceituais LGBTQIA+, ou seja, sobre a informação gênero-sexualidade.

Na Ciência da Informação, Almeida (2022) destaca o uso do Círculo hermenêutico da investigação como procedimento (Figura 1). Para Sanches (2013) a Hermenêutica recorre ao Círculo de investigação para dar conta da sua tarefa, pois, ele é um construtor de pontes entre o texto, o leitor, o texto e o produtor; o ato da sua escrita e o ato da sua leitura e o sujeito e a sua situação.

Contudo, há reflexões que problematizam Círculo hermenêutico da investigação, em que as tensões estão entre a circularidade/cíclica (Figura 1, b), e a circularidade/espiral (Figura 1, a). A problemática é que na ideia de circularidade/cíclica implica em fechamento, e nessa não existe uma definição rígida de como o pesquisador deve começar, e na circularidade/espiral mantém-se aberta, o processo não encerra em si, igualmente é aberto a novas perspectivas (Sanches, 2013).

Porém, o fato de se trabalhar com a circularidade/cíclica e/ou com a circularidade/espiral é ponto positivo, elas se figuram como procedimentos padrões que permite os investigadores manterem o foco (Almeida, 2022). Porém, a opção entre a circularidade/cíclica e a circularidade/espiral é uma escolha do pesquisador frente à sua criatividade científica, e nesta pesquisa optou-se em adotar a circularidade/espiral, pois para Nonaka e Takeuchi (1997), a espiral é a representação da construção do conhecimento e o conhecimento em si, em que ambos funcionam de forma contínua de significados.

Na modelo proposto na Ciência da Informação por Almeida (2022) inclui seis etapas, a primeira etapa é intitulada de 1) **Pré-compreensão** (Figura 1, vermelho), versa na fase preparatória da pesquisa, portanto se visualiza o fluxo composto por processos que inclui a procura, seleção, aquisição, leitura prévia e organização de recursos textuais e materiais, ou seja, o *corpus* da pesquisa. A etapa 2) **Reconhecimento de preconceitos** (Figura 1, laranja) versa na

contextualização dos recursos e de seus autores, assumindo-se um compromisso entre o objeto e o sujeito da investigação (Almeida, 2022; Santana *et al.*, 2023). Nesta, é pertinente olhar o contexto e analisar alguns fenômenos que envolvem as passagens, ou seja, neste caso os fragmentos temporais, pois é preciso compreender que uma dada passagem não está clara, não se deve credenciá-la.

A etapa seguinte, 3) **Fusão de horizontes e contextos** (Figura 1, amarelo), versa na realização da leitura dos documentos/fenômenos e o cruzamento dos autores, desembocando em nova procura ou na interpretação. (Almeida, 2022). Na etapa 4) **Escuta da literatura científica** (Figura 1, verde), versa na retirada dos significados, se identificam as ideias-chave e as problemáticas, se avaliam práticas e se detectam as lacunas. Nesta etapa a essência do ato de compreensão interpretativa toma contornos mais definidos (Almeida, 2022; Santana *et al.*, 2023).

Na etapa 5) **Aplicação de sentido** (Figura 1, azul) constitui o resultado concreto das etapas anteriores e é uma construção efetiva de (novo) conhecimento, assim e episteme é concluída. Nela os objetivos da investigação serão afirmativos (concordância e reforço) ou negativo (discordância e oposição) e poderá refletir-se numa revisão de literatura com valor próprio ou também num produto de caráter mais prático, por exemplo, uma experiência ou um estudo de caso. (Almeida, 2022). Na etapa 6) **Interrogação**, a reflexão (Figura 1, roxo) e o questionamento sobre a validade da própria construção é considerado. Esta última etapa corresponderá à verificação ou à avaliação do trabalho realizado, na modalidade definida pelo investigador, e poderá ser entendida não só como uma explicação sobre a importância do objeto de estudo, mas também como um desafio ao conhecimento alcançado, reforçando a sua compreensão e robustecendo-o enquanto marco teórico para o futuro (Almeida, 2022; Santana *et al.*, 2023).

Para Cândido (2009), as reflexões sobre o patrimônio musealizado decreta um olhar e ação interdisciplinares. A interdisciplinaridade no museologia brasileira, marca especialmente o ensino da Museologia (Silveira, 2021). Assim, optou-se pela **Interdisciplinaridade Linear** como inclinação epistêmica, pois,

natureza interdisciplinar nesta pesquisa, as três dimensões '**Indenidades e memórias**', '**Reparação e justiça social**' e '**Riscos e Proteção do futuro**' são discutidas a partir de leis de outras disciplinas/ciência na Museologia, como o Direito, História e Ciência da Informação.

A **Interdisciplinaridade Linear** é uma modalidade em que uma ou mais leis de uma ciência são empregadas para explicar os fenômenos de outra, considerando a redefinição das variáveis e parâmetros ajustados ao novo contexto científico (Carlos, 2007). Além de demarcar a natureza interdisciplinar nesta pesquisa, consideram-se também alguns pontos protocolares que objetiva diluir as representações simplistas sobre a interdisciplinaridade, como esvaziamento da palavra interdisciplinaridade, como fenômeno esponja¹e também como elemento Kitsch².

O protocolo **organização e coordenação** que se conjectura também sobre o tamanho da equipe, e sobre ela destaca as formas de resolução dos problemas que são propostas, o protocolo **comunicação e a linguagem** do campo da Ciência da informação, Biblioteconomia, Arquivologia, Linguística e Museologia e a linguagem teórica e conceitual do Direito, História e Ciência da Informação (Teixeira, 2004; Santana, *et al.*, 2022). Quanto à **Ciência e Epistemologia**, conjetura acerca dos limites e alcances, métodos e técnicas e das tecnologias para abordar os objetos científicos interdisciplinares (Teixeira, 2004; Santana, *et al.*, 2022).

3 MUSEOLOGIA SOCIAL: CONSIDERAÇÕES EPISTÊMICAS

Para Bachelard (1996), as ciências nascem e evoluem por fatores específicos no tempo-espaço, isso inclui a Museologia. Para Maroevic (1998), a Museologia pode ser analisada a partir de quatro fases epistemológicas.

A primeira, a **fase primórdio** (Figura 2), o pensamento museológico situou entre o século XVI a 1900. Essa fase foi demarcada pela profissão de

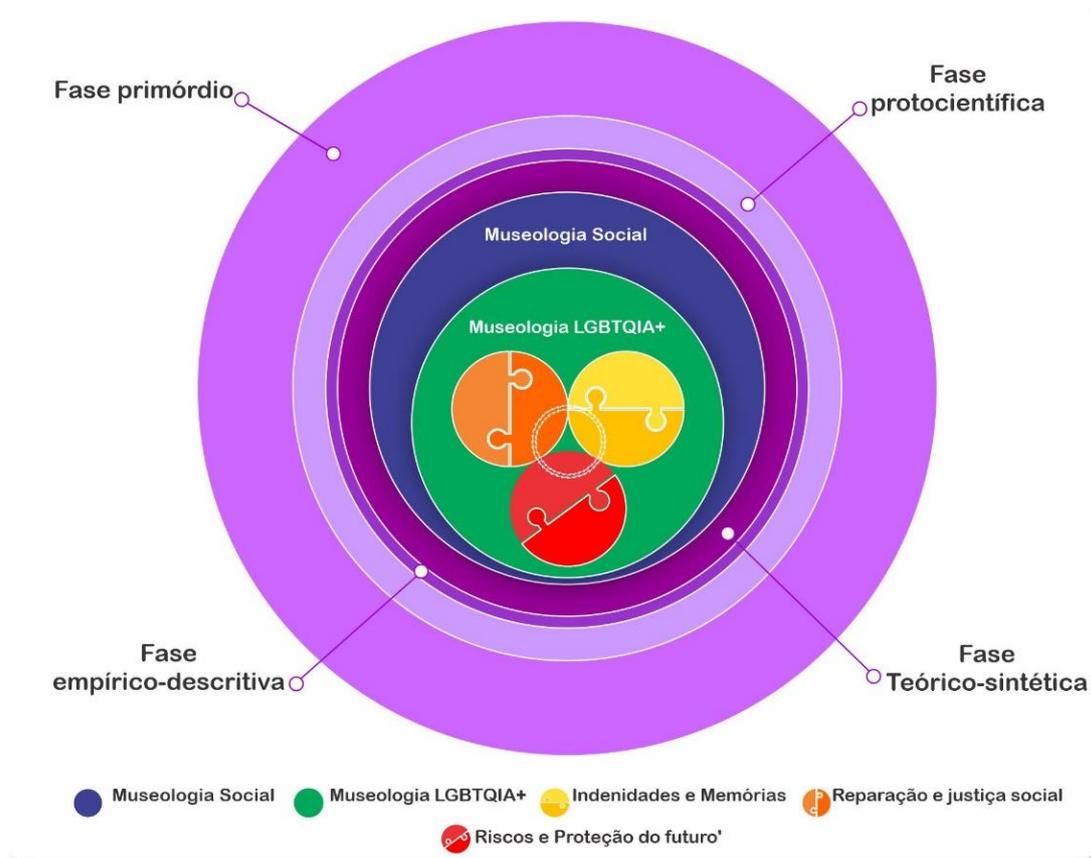
¹ Para Bachelard (1996), o uso da imagem e palavra esponja pode imobilizar o pensamento científico, quando essa única imagem e palavra tem a pretensão de constitui toda a explicação.

² Kitsch é como filosofia, força criativa fugaz e acrítica, que também se refere a um agrupamento sem critérios e reflexão (Santana *et al.*, 2022).

Conhecedor de coleções, sejam elas de naturezas históricas, etnográficas e artísticas dos reinos e/ou impérios. Estas coleções se localizavam em espaços como castelos, palácios, e, em maior número, nos chamados de Gabinetes de Curiosidades.

A segunda fase '**protocientífica**' (Figura 2), que se deu entre 1900 a 1934, demarcada pelas principais correntes do pensamento museológico na primeira metade do século XX, de perceptiva francófona e norte-americana quanto aos debates relativos à função social e educativa os museus, e as primeiras diretrizes teóricas, metodológicas e de práticas.

Figura 2 – Evolução e fases da Museologia



Fonte: Elaborado pelos autores e autoras (2023).

A fase '**empírico-descritiva**' (Figura 2), instaurada entre 1934-1976, com o marco a Conferência de Madrid que fundamentou, disseminou e consolidou a Museologia como disciplina científica, em que se deu início as experimentações da subjetividade do museu por meio do desenvolvimento de práticas e

metodologias apropriada às suas atividades, com base em fundamentações técnico-científicas, ou seja, da fenomenotécnica³ essa que versa nas condições de realização científica na construção dos objetos científicos (Bachelard, 1996).

A fase empírico-descritiva se estendeu até a criação do *International Committee for Museology* (ICOFOM), em 1976 (Echternach, 2021).

E a fase '**teórico-sintética**' (Figura 2), que inicia em 1976 até os dias atuais, e passou a se desenvolver a partir da síntese, se concentra nas principais ideias e essência da Museologia. Embora, esse movimento fertilizado nos anos cinquenta por um grupo de especialistas que se debruçavam sob as bases científicas e filosóficas da museologia a partir os anos setenta a reivindicando à museologia o *status* de ciência aplicada e mais delimitada (Echternach, 2021).

Assim, é na era teórico-sintética que as discussões epistêmicas sobre a Museologia Social (Rocha, 2021; Tolentino, 2016) se torna realidade, na fase teórico-sintética há abertura de pensamento da Museologia.

Há um consenso que revela ser ainda incipiente as discussões epistêmicas sobre a Museologia Social (Rocha, 2021; Tolentino, 2016). Fato que justifica a promoção de estudos mais profundo. As discussões sobre o legado LGBTQIA+ no campo da Museologia vem sendo formulada apenas há dez anos por pesquisadores, docentes e discentes da museologia, movimento que se caracteriza a redefinição da abertura de pensamento da Museologia.

Para Rosa (2021), Museologia Social (Figura 2), é uma abordagem que visualiza as instituições museais mais democráticas e inclusivas, ela se apoia nas tendências apontadas por Moutinho, em 1993, como: a expansão da noção de patrimônio; a participação das comunidades na definição e na gestão das práticas museológicas e a museografia como meio autônomo de comunicação e a utilização das TICs.

Assim, pontos como a função social dos museus, a responsabilidade política do museólogo, o novo fazer museológico, a participação e a apropriação comunitárias passaram a ser amplamente debatidas em alguns eventos internacionais, como na Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972), ocorreu entre os dias 20 e 31 de maio de 1972, e contou com a presença de

³ São as condições de realização na construção dos objetos científicos (Bachelard, 1996).

representantes dos seguintes países: Chile, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Equador, Guatemala, México, Panamá, Peru e El Salvador, e esteve presença do diretor do Escritório Regional da Unesco.

O objetivo geral era discutir os problemas e as potencialidades dos museus, e acabou sendo o marco da Nova Museologia, e também resultou na Carta de Santiago do Chile, que compilava as resoluções dos participantes, o que ficou definido entre outras, pensar em um museu ideal “Museu Integral” sob uma perspectiva decolonial, considerando sua potência política e epistêmica no contexto de sua formulação para a região, que se preocupasse, de forma total, com o sujeito humano (Brulon, 2019; Scheiner, 2009; Souza, 2020).

Para Rodrigues (2005), o conceito de Museu Integral aponta às comunidades, uma visão de conjunto do meio natural e cultural integrando a elas ao determinado meio em cada uma está inserida, através das funções de conservar, de pesquisar e de comunicar (Rosa, 2021).

Apesar de, atualmente, ser evidente a relevância das discussões sobre a fenomenotécnica da museologia, especialmente quando se foca a comunidade LGBTQIA+, ainda na época do marco da Museologia Social houve resistências dos defensores tradicionais, ou seja, dos museólogos e museus tradicionais, fato que ocorre contidamente através da rejeição de trabalhos e artigos em eventos e periódicos sobre as comunidades subrepresentadas, e apontados por avaliadores apenas como militância.

Do mesmo modo, como repostas simbólicas e práticas do preconceito e discriminação que ocorreu através da XIII Conferência Geral do ICOM, realizada em Londres, em julho de 1983, que formalmente rejeitava o novo pensamento e as suas práticas (Duarte, 2013). O evento era o Ateliê Internacional *Ecomuseus* - Nova Museologia, foi a ação político-epistêmico que deu origem à Declaração de Quebec em 1984 (Rosa, 2021).

Esse evento reuniu parte dos membros do ICOFOM que defendia o reconhecimento internacional e a promoção de nova fenomenotécnica e campo social (Duarte, 2013; Rosa, 2021). Assim, o evento reafirmou as reflexões do que foi estabelecido na Mesa Redonda de Santiago do Chile, e, mais além, da organização da Nova Museologia e dos princípios básicos, através do diálogo

entre diferentes países e realidades museológicas (Moutinho, 1993; Rosa, 2021).

Entre os dias 6 de janeiro a 6 de fevereiro de 1992, mais uma ação político-epistêmico através da Mesa Redonda de Santiago do Chile, aconteceu, em Caracas, na Venezuela, com o Seminário “A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios”, que originou a Declaração de Caracas (1992). Teve participantes da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, México, Nicarágua e Venezuela (Rosa, 2021).

Esse seminário se propôs realizar uma análise dos museus, visualizando as mudanças ocorridas na América Latina desde a realização da Mesa de Santiago do Chile, em 1972, assim retomou o documento de Santiago, promovendo sua atualização (Rodrigues, 2005; Rosa, 2021), em que evidencia a atualização do conceito de museu integral para museu integrado, uma Classificação que configura o museu como uma ação completa e comprometida com os acontecimentos dos contexto locais, como mecanismos de desenvolvimento (Rodrigues, 2005).

Para Rosa (2021), esse conceito resume de forma político-epistêmica a teoria da Nova Museologia, pois, a Declaração de Santiago do Chile (1972): introduziu o conceito de museu integral; a Declaração de Quebec (1984): sistematizou os princípios básicos da Nova Museologia, que sua vez, a Declaração de Caracas (1992) que pode ser interpretada como uma avaliação crítica de todo o processo, reafirmando o museu como um canal de comunicação.

Deste modo, a Museologia Social reconfigurou a estrutura do museu tradicional, essa usualmente identificada a partir do acervo (coleção), edificação (edifício) e público visitante, em que a Museologia social é vinculada a existência de um território, de um patrimônio e de uma comunidade. O foco é retirado das coleções e voltado para um ‘patrimônio’, esse mais amplo e mais aberto para a relação com as ‘comunidades’ e ‘território’.

A Museologia LGBTQIA+ Figura 2 dentro a lógica de ‘comunidades’ e ‘território’, entretanto, que abertura de pensamento atinja a Museologia Social, já que ela propõe reflexões e atualizações das instituições museais em relação à

realidade do mundo pós-moderno, e visualiza novos protagonistas, e isso inclui o sujeito LGBTQIA+ como sujeito pós-moderno que também se inclui nesta perspectiva, pois, a comunidade LGBTQIA+ é diversa. Para Chagas e Gouveia (2014) a museologia social é comprometida com a redução das injustiças e desigualdades, ela combate a discriminação e o preconceitos em vista a melhoria da qualidade de vida coletiva; reflete sobre fortalecimento da dignidade e da coesão social; com a utilização do poder da memória, do patrimônio e do museu a favor das comunidades populares, incluindo a comunidade LGBTQIA+ (Chagas; Gouveia, 2014).

Para Hall (2006, p. 13), o sujeito pós-moderno não possui uma identidade apenas fixa e unificada, ele possui uma identidade também múltipla, pois “[...] há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”.

Esse o sujeito pós-moderno, tem o lugar de fala e o protagonismo, já que está ancorado em Ribeiro (2017) e Spivak (2010) apenas podem falar com propriedade do preconceito e discriminação que lhes afetam.

4 DIMENSÕES EPISTÊMICAS PARA PROMOÇÃO DA MUSEOLOGIA SOCIAL

A partir das análises do fenômeno técnico da Museologia, Santana *et al.* (2023) apontou as discussões sobre ‘**Indenidades e Memórias**’, ‘**Reparação e justiça social**’ e ‘**Riscos e Proteção do futuro**’ como dimensões epistemológicas que emergem das discussões da Museologia LGBTQIA+. Para os autores e autoras, essas dimensões são distintas, mas se conectam entre si, como variáveis intervenientes, uma refletindo sobre a outra.

4.1 IDENTIDADES E MEMÓRIAS

Para Ladeia e Castro (2022) o encontro do movimento LGBTQIA+ brasileiro e campo museológico nacional faz emergir o lugar das memórias LGBTQIA+, e por consequência as identidades.

Para Melo Filho (2016) os estudos que relacionam as identidades e

memórias na Ciência da Informação ocorrem pela perspectiva teórica-epistêmica que incluem referências como Bergson (1999), Halbwachs (2006), Ricoeur (2007) e Candau (2012).

Figura 3- identidades e memórias



Fonte: Elaborado pelos autores e autoras (2023).

Para Bergson (1999) existe a memória hábito e a memória pura, e no primeiro caso é adquirida de modo automático e tem a repetição como pelo ato que a marca, enquanto na memória pura se figura independente da consciência, pois ela se alude ao ato de evocar episódios passados. Esta é a visão psicológica da memória de Bergson (1999) e se refere ao aspecto individual, mas a memória ainda pode ser entendida como fenômeno social, como uma construção social.

Halbwachs (2006) aborda a memória como fenômeno coletivo, que se apropria das condições socialmente construídas para o seu estabelecimento, além de se instituir por meio de indivíduos que não necessariamente devem estar presentes materialmente para que a evocação ocorra em sua plenitude, mas compreendendo o campo transcendental. Nossas lembranças permanecem coletivas e são lembrados por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Não é necessário que outros sujeitos estejam presentes distintos de nós, pois sempre levamos conosco certa quantidade de pessoas que não se confundem (Halbwachs, 2006). Então, na concepção de Halbwachs (2006), as lembranças não se perdem no espaço, mas são evocadas constantemente, mesmo porque delas decorre a construção da identidade social dos indivíduos. Neste sentido, “[...] no momento em que examina seu passado, o grupo nota que continua o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo.” (Halbwachs, 2006, p. 108).

Segundo destaca Ricoeur (2007, p. 96), “[...] é mesmo enquanto fator de

integração que a ideologia pode ser tida como guardiã da identidade, na medida em que ela oferece uma réplica simbólica às causas de fragilidade dessa identidade”, pois, é essa ideologia que armazena a memória, e dela só poderá ser obtida a partir das evocações que os indivíduos lançarem mão.

Para Candau (2012) o conceito de Memória é fundamental para qualquer pesquisador que esteja inserido no campo das Ciências Sociais, isso incluía as aplicadas. Para ele a Memória compreende um consenso “[...] é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado [...] um enquadramento do que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um ‘estar aqui’ [...]” (Candau, 2012, p. 9-10).

Há diversos tipos de Memória, como também há diversos conceitos de Memória e suas peculiaridades. Estas peculiaridades são traços marcados pelo campo do saber, como pelo sujeito que usa a Memória e que produz estes conceitos. Contudo, segundo Oliveira e Rodrigues (2011, p. 315), a Memória tem três naturezas, em que todos os tipos e os conceitos partem destas três dimensões:

[...] **Memória humana:** [...] dirigem seu foco para a faculdade humana de conservar, recordar e transmitir informações, sentimentos e experiências, bem como sua relação com os processos cognitivos. [...] **Memória artificial:** [...] têm como foco a memória exteriorizada [...] por recursos tecnológicos, ou um procedimento técnico que permite sua fixação e facilita sua recuperação. [...] **Memória social:** [...] foco recai sobre os registros da informação como memória socialmente construída, representada e compartilhada por um grupo [...]. (Oliveira; Rodrigues, 2011, p. 315).

Seja qual for a dimensões da memória, elas alimentam as lógicas que compõe as identidades, as individualidades e os grupos. Segundo Pollak (1992) a memória é um componente constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, importante para continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo. Neste aspecto, Candau (2012, p. 16) também vai tratar a identidade como intimamente ligada à memória, ele ressalta que os laços fundamentais entre memória e identidade argumentando que “[...] é a memória, faculdade primeira, que alimenta a identidade”.

Assim, construir uma memória LGBTQIA+ pode contribuir na construção das identidades faltantes desta comunidade. O papel da memória na construção

da identidade de um sujeito, especialmente, do LGBTQIA+, se articula para que haja reaproximação e negociação entre o sujeito e seu passado, e conseqüentemente para chegar a sua própria individualidade no presente e perspectiva para o futuro. Assim, a memória se figura como a capacidade que o sujeito utiliza para permanecer consciente de suas vivências (Candau, 2012), no fluxo do passado, presente e futuro.

Todavia, é preciso cuidar da memória através de ações políticas e por meio de processos que incluem a manutenção, preservação, conservação e visibilização, e superar o preconceito e a discriminação que barram esses processos. Apesar da preocupação dos museólogos sociais em promover essas discussões, assim surgindo os museólogos sociais LGBTQIA, ainda ocorrem problemas derivados da falta de domínio teórico, técnico e histórico epistêmico.

Figurar as '**Idenidades e memórias**' LGBTQIA+ na museologia é desafiador, pois o sujeito LGBTQIA+ se encaixa na perspectiva de Hall (2006) como sujeito pós-moderno, uma vez que comunidade LGBTQIA+, segundo Santana *et al.* (2022) é constituída por diversos grupos, perfis e um alagamento espectral. Igualmente, identidades e memórias promovem movimentos institucionais e cognitivos (vice-versa), um jogo de autoalimentação através do acesso, uso e reflexos da informação gênero-sexualidade.

Neste processo cognitivo-institucional, mediante fenômenos informacional-simbólicos ocorrem por meio de símbolos como bandeiras, eventos, vestimentas, dialetos. Por exemplo, a identidade intitulada de Urso, são os sujeitos que participam de um grupo que tem uma estética corporal, vestimenta e bandeira. Esse grupo apresenta expressões culturais como uma festa chamada *Ursound*, e eventos como *Ursound Mega Pride*, a *Ursunday*, o *Ursound Club*, e o Bloco Carnaval Ursos. Porém, nem sempre o sujeito LGBTQIA+ está inserido dentro de um grupo cultural, isso não é determinante, assim o sujeito LGBTQIA+ se figurar por um perfil ou se localizar dentro de e/ou amplitude espectral que constitui a comunidade LGBTQIA+. Do mesmo modo, os desejos, os interesses e projetos podem emergir por motivações individuais, inclusive, o acesso e uso da informação gênero-sexualidade.

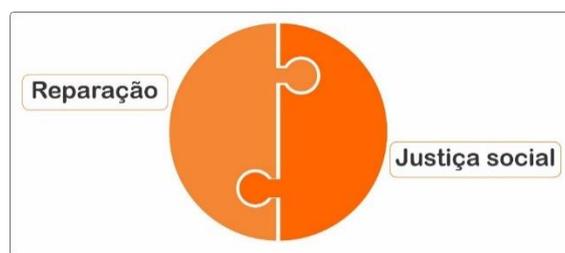
Focar as Identidades e memórias como dimensão versa em atentar para

o passado para endente-lo, com o intuito de poder compreender as identidades LGBTQIA+ condições que embasem esse presente.

4.2 REPARAÇÃO E JUSTIÇA SOCIAL

O legado LGBTQIA+ sempre marcou o cotidiano, isso inclui a literatura, as artes plásticas, moda, TV, cinema, teatro, a música pop, entre outras expressões artísticas a vida cotidiana social de forma geral. Contudo, até os últimos vinte anos esse legado esteve marcado de forma hermética por duas perspectivas extremas, a caricata e a desfaçada, em que ambas não contribuíram para sua valorização.

Figura 4 - Reparação e Justiça social



Fonte: Elaborado pelos autores e autoras (2023).

A Reparação versa entre outras coisas em consertar, compensar ou até mesmo indenização se for o caso, como exemplo podemos mencionar o sistema de cotas para sujeitos negros, que se figura uma reparação histórica.

A exemplo de exercício de reparação podemos destacar as identidades LGBTQIA+ nos enredos das telenovelas, programas de humor e comédia. Esses veículos sempre exploraram através do uso cômico e reducionista o legado LGBTQIA+, o que acabou contornando a homofobia, um tipo de preconceito que potencializada a discriminação aos sujeitos LGBTQIA+.

No segundo, para sensibilizar a sociedade, por sua vez muito explorada nas telenovelas. Nelas se utilizava a técnica da narrativa de revelação para sensibilizar os heterossexuais, pois se apresentava os personagens LGBTQIA+ de forma discreta e misteriosa para que os telespectadores na maioria heterossexuais que se apaixonassem e aceitassem esses personagens depois ser revelado suas identidades de gênero e sexuais (Colling, 2007).

Assim, **Reparação** quanto ao legado LGBTQIA+, significa descortiná-lo do fenômeno exótico, de compaixão e outros interesses obscuros. Para Baptista e Boita (2014), a cultura LGBTQIA+ sempre reivindicou espaços específicos de valorização, assim nunca de perspectiva exótica e de compaixão e interesses dos heterossexuais, para além das narrativas de revelação e/ou narrativas apenas caricatas, e esses espaços incluem também o Museu.

A **justiça social** enquanto dimensão epistêmica no que diz a apropriação LGBTQIA+ versa pôr em prática essa reparação também do legado. A **Reparação** é fundamental para que as atuais e próximas gerações de sujeitos LGBTQIA+ se vejam através de uma representação positiva, e reivindicar repostas e explicações quando essas populações em um dado momento ou em um episódio que esse legado venha a sofrer exploração midiáticas-estéticas.

A **Reparação** versa em **justiça social**, ela inclui a justiça **social** quanto a informacional étnico-racial e informacional de gênero-sexualidade, ou seja, a valorização do seu legado LGBTQIA+. Ao fazer um estudo da graduação e pós-graduação em Museologia, Baptista *et al.*, (2022) faz algumas recomendações, e aponta a **Justiça Social** como questão fundamental para Museologia Social. Assim, a Justiça Social versa na compreensão de como cada sujeito obtêm chances e oportunidades a distribuição justa de bens sociais materiais e simbólicos, para aproveitar sua vida em toda amplitude e usando seus talentos, habilidades e cultura (Alves; Silva; Garcez; Fevrier, 2022).

E para isso há forças empreendidas para minimizar o preconceito e a discriminação (exclusão) no fluxo da promoção da igualdade e a equidade entre os cidadãos, homens e mulheres, brancos e negros e até mesmo heterossexuais e LGBTQIA+ e, começou a ser desenvolvida ainda no século XIX.

Ao destacar o construto **justiça social** e suas relações entre às desigualdades sociais e às ações voltadas para a resolução desse problema, o Estado e as instituições não governamentais emergem para buscar mecanismos para compensar as desigualdades, assim os Museus dependem de sua natureza ora se encaixam nesta perspectiva antecipação.

Mathiesen (2015) considera a **justiça social** uma dimensão multifacetada, mas ela é permeada pela ética do cuidado, da solidariedade e do

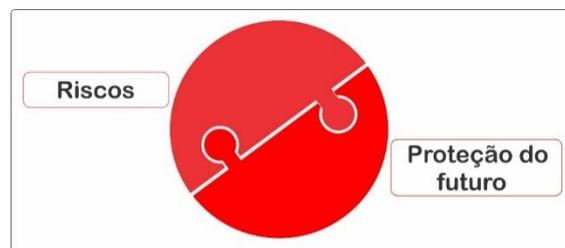
respeito. Ele ainda destaca três elementos que compõe a justiça social: a distribuição, a participação e o reconhecimento. A Distribuição se refere a forma como as instituições, a economia e cultura distribuem os bens materiais e simbólicos (como recursos, oportunidades, habilidades) é socialmente construído e deve ser avaliado em profissões LIS sob a ótica da justiça (Mathiesen, 2015).

A Participação reconhece o arbítrio de todos os sujeitos e evita tratar como recipientes passivos de assistência. Todos os sujeitos da comunidade devem ter voz e influência dentro dos sistemas sociais e instituições que os afetam (Mathiesen, 2015). E por sua vez, o Reconhecimento versa nas Imagens e símbolos culturais que podem criar e reforçar estruturas de dominação e opressão, assim, é preciso atentar para as formas em que os sujeito e as comunidades estão representadas em várias instituições culturais (Mathiesen, 2015).

4.3 RISCOS E PROTEÇÃO DO FUTURO

A dimensão **Riscos e Proteção do futuro**, Figura 05, está ligada ao **Contexto de Antecipação** que envolve o **risco**, que pôr sua vez, está unido a **Gestão de Riscos**, o **Environmental, Social and Governance (ESG)** e a **Responsabilidade Social**.

Figura 5 - Riscos e Proteção do futuro



Fonte: Elaborado pelos autores e autoras (2023).

O **contexto de antecipação** pode minimizar processo que explora, invisibiliza, distorce ou reduz a população LGBTQIA+. Para Janissek-Muniz, Lesca e Freitas (2011) o **contexto de antecipação** versa na inteligência estratégica, considera os pequenos fragmentos de dados, informações e

conhecimento que podem promover inovação (Machado; Kraemer; Dandolini; Souza, 2020).

O **risco** é um potencial evento que tem uma causa e geram prejuízos e perdas de uma oportunidade de ganhos (Brasil, 2017, art. 2º, IV). **Risco** nesta pesquisa diz acerca de duas instâncias, a) dos objetos musealizados LGBTQIA+, que por sua vez versa nos b) ricos dos corpos e *psiques* LGBTQIA+, pois, pode promover a manutenção do legado, diminuir os riscos do esquecimento, dos retrocessos e ameaças das Memórias e Identidades LGBTQIA+. Por exemplo, a musealização do Campo de concentração de Auschwitz do objetivo manter vivas as memórias angustiadas da Segunda Guerra, e de toda a discriminação e preconceito sofridos pelos judeus.

Falar de **ricos** remete a **Gestão de Riscos** esse que é um processo coordenado e permanente utilizado nas organizações/instituições posto em prática pela alta administração para antecipar as situações que podem comprometer o desenvolvimento da empresa. Ela identifica as vulnerabilidades e define um conjunto de medidas para o enfrentamento, assim evitando e/ou minimizar as situações problemas.

As vantagens da gestão de riscos é aumentar a capacidade de manutenção, prevenção e conservação, antecipando-se às ocorrências, evitando e minimizando dos efeitos negativos dos agentes de riscos a que todas as instituições e sujeitos, assim, dos objetos musealizados em primeiro plano, e a *posteriori* em dos riscos que podem ser vividos pelos grupos subrepresentados que compõe a sociedade, quando as minorias não são invisibilizadas. Assim, a visualização os riscos dos objetos e das honras, em sua instância epistêmica.

Na atual conjuntura, o fio lógico epistêmico que compõe os **Riscos e Proteção do futuro**, que envolve o **contexto de antecipação, Gestão de Riscos** quanto aos bens materiais, naturais, sociais, econômicos e simbólicos tem se intensificado com os estudos do **Environmental, Social and Governance (ESG)**. Ela é uma área do saber que intersecciona três dimensões distintas, mas conectadas no âmbito da antecipação, pois se referem aos desafios da sociedade pós-moderna, o conjunto de padrões e boas práticas conscientes, sustentáveis e corretamente gerenciada. O **ESG** é um ponto

importante para a museologia LGBTQIA+, especialmente, quando foca a dimensão Social (S) no que versa o ‘apoio à diversidade e inclusão’ e ‘atuação com a comunidade’ (Baier; Berninger; Kiesel, 2020; Entenda [...], 2022).

Assim, o **contexto de antecipação** através da dimensão Social (S) do **ESG** estimula as organizações privadas e pública governamentais e filantrópicas a realizarem tarefas de análise, síntese e avaliação, assim é um processo sistemático que transforma dados e informações em conhecimento estratégico para tomada das decisões. Mas, em especial solicita a **Responsabilidade Social** como eixo fundamental, especialmente, a Responsabilidade **Social da Informação**, pois ambas se interseccionam e promovem a visualização do **contexto de antecipação** de proteção do sujeito LGBTQIA+.

Targino e Garcia (2008) apontam que a **Responsabilidade Social** pode ser qualquer ação que objetiva a melhoria da qualidade de vida de um sujeito na sociedade atual. Compreender que essa lógica se aplica ao legado LGBTQIA+, e o primeiro passo para o alargamento dos quadros do conhecimento na Museologia. Assim, e ao destacar a Responsabilidade Social do pesquisador em museologia e/ou outra área, a destacasse por duas possibilidades: a competência técnica e o compromisso político, assim uma boa formação compromissada com o engajamento social, baseada na informação gênero-sexualidade e na Responsabilidade Social da informação.

Neste fluxo Silva (2019) destaca a **Responsabilidade Social da Informação** que pode ser estendida a todos os profissionais da informação, pois Envolve um conjunto de ações asseadas no respeito e ética seguidas pelo profissional da informação em benefício da sociedade, assim fornecendo a informação ao usuário e contribuir, de forma eficaz, para organizar a informação nas unidades (Silva, 2019).

Assim, incluem-se também os museólogos e os museus na promoção dos benefícios sociais, de tal modo trabalhando com empatia, compromisso e ética na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e solidária. A Responsabilidade Social da Informação é uma estratégia de política informacional, ela visualiza a dignidade humana através do acesso e uso da informação de forma sadia e confiável.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inferre-se que as dimensões 'Idenidades e memórias', 'Reparação e justiça social' e 'Riscos e Proteção do futuro' que emergem das discussões teóricas da museologia LGBTQIA+, compreendem a essência que compõe a noção de social.

A condição de inovação desta pesquisa versa no fato que as dimensões 'Idenidades e memórias', 'Reparação e justiça social' e 'Riscos e Proteção do futuro' podem ser apontadas no âmbito da Museologia Social como ancoragem epistêmica no alargamento da fase teórico-sintético da Museologia para outras comunidades e grupos sociais sub representados, pois, elas permitem os museólogos compreenderem e minimizarem as lógicas do preconceito e da discriminação para além das comunidades LGBTQIA+.

A dimensão 'Idenidades e memórias' promove reflexões no âmbito das estéticas, subjetividade e essencialidades dos sujeitos, a 'Reparação e justiça social' reflete sobre os equívocos e as negligências até então ocorridas no campo das 'Idenidades e memórias'. Enquanto a dimensão 'Riscos e Proteção do futuro' promove capacidade reflexiva dos museólogos quanto assegurar o futuro da manutenção, preservação, conservação e visibilização dos legados e sua conexão com os corpos e *psiques* no âmbito dos equívocos e as negligências.

Ao focar a comunidade e o legado LGBTQIA+ aponta-se mais empenho da Museologia Social e a Mesologia LGBTQIA+ para os equívocos e as negligências de grupo como as transexuais e travestis, como também para as *Drag Queens*, como grupos que sofrem discriminação e preconceito fora da comunidade, e sobretudo, no epicentro da comunidade LGBTQIA+.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. A hermenêutica na Ciência da Informação: da revisão de literatura ao esboço de uma metodologia. **Ibersid: revista de sistemas de información y documentación**, Zaragoza (España), v. 16, n. 1, p. 83-92, en-jun., 2022. Disponível: <https://cip.brapci.inf.br/download/205793>. Acesso em: 5 mar. 2023.

ALVES, A. P. M.; SILVA, F. C. G.; GARCEZ, D. C.; FEVRIER, P. R. Justiça social e população negra: um olhar teórico-crítico para competência em informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/203875>. Acesso em: 22 maio 2023.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BAIER, P.; BERNINGER, M.; KIESEL, F. Environmental, social and governance reporting in annual reports: a textual analysis. **Financial Markets, Institutions & Instruments**, [S. l.], v. 29, issue 3, p. 93-118, jun. 2020. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/fmii.12132>. Acesso em: 13 maio 2023.

BAPTISTA, J. T.; CASTRO, T.; BOITA, T. W.; BRAGA, J. L.; ESCOBAR, G. V.; TEDESCO, C.; GIOVANAZ, M.; BRITTO, C.; WICHERS, C. A. M.; SILVA, A. P.; FARIA, K. Y. S. Ensino, Pesquisa e Extensão em Museus e Museologia LGBTQ+: recomendações Queer à formação museológica. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 11, n. 21, p. 29-52, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/41427>. Acesso em: 13 maio 2023.

BAPTISTA, J.; BOITA, T. Protagonismo LGBT e museologia social: uma abordagem afirmativa aplicada à identidade de gênero. **Cadernos do CEOM - Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina: Museologia Social**, Chapeco, v. 27, n. 41, p. 175-192, dez. 2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2602>. Acesso em: 14 maio 2023.

BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BRASIL. **Decreto nº 9.203, de 22 de novembro de 2017**. Dispõe sobre a política de governança da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Brasília, DF: Presidência da República, 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9203.htm. Acesso em: 18 jan. 2022.

BRULON, B. Museus, mulheres e gênero: olhares sobre o passado para possibilidades do presente. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 55, e195515, p. 1-28, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/4ZxkWYpwrhgG8g6J9Dn7D4K/?lang=pt>. Acesso em: 8 abr. 2022.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CÂNDIDO, M. M. D. Museus como espaço de interdisciplinaridade e o ofício do historiador. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza.

Anais [...]. Fortaleza: ANPUH/UFC, 2009. Disponível em:

[https://www.anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-](https://www.anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772004_0147613dc64bc3dbf8f46e7ca25c85f3.pdf)

[01/1548772004_0147613dc64bc3dbf8f46e7ca25c85f3.pdf](https://www.anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772004_0147613dc64bc3dbf8f46e7ca25c85f3.pdf). Acesso em: 5 nov. 2022.

CARLOS, J. G. **Interdisciplinaridade no Ensino Médio**: desafios e potencialidades. 2007. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) –

Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2007. Disponível em:

<http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/2961>. Acesso em: 5 nov. 2022.

CHAGAS, M.; GOUVEIA, I. Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). **Cadernos do CEOM** - Centro de Memória do Oeste de Santa

Catarina: Museologia Social, Chapeco, v. 27, n. 41, dez. 2014. Disponível em:

<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2592>. Acesso em: 9 jan. 2021.

COLLING, L. Personagens homossexuais nas telenovelas da rede globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. **Revista Gênero**, v. 8, n. 1, p. 207-222, 2. sem. 2007. Disponível em:

<http://www.cult.ufba.br/Artigos/Personagens%20homossexuais%20nas%20telenovelas.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2022.

DUARTE, A. Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora. **Revista Museologia e Patrimônio**, v. 6, n. 2, p. 99-117, 2013.

Disponível em:

<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/248>. Acesso em: 9 jan. 2021.

ECHTERNACH, A. L. I. **Teoria museológica**: referenciais teóricos do campo. Indaial: UNIASSELVI, 2021.

ENTENDA o que são as práticas de ESG. Sebrae, 2 de agosto de 2022 .

Disponível em: [https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/entenda-o-quesao-as-praticas-de-](https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/entenda-o-quesao-as-praticas-de-esg,66c7e3ac39f52810VgnVCM100000d701210aRCRD)

[esg,66c7e3ac39f52810VgnVCM100000d701210aRCRD](https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/entenda-o-quesao-as-praticas-de-esg,66c7e3ac39f52810VgnVCM100000d701210aRCRD). Acesso em: 04 maio 2024.

ENTENDA o que são as práticas de ESG. **Sebrae**, 2 de agosto de 2022 .

Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/entenda-o-quesao-as-praticas-de-esg,66c7e3ac39f52810VgnVCM100000d701210aRCRD>.

Acesso em: 1 maio 2023.

GARCIA, J. C. R.; TARGINO, M. G. Responsabilidade ética e social na produção de artigos científicos. **Perspectivas em Ciência da Informação**,

Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p.33-54, jan. / abr. 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pci/a/kQ7bsMsFCwHxKdxrYcBSdRr/?lang=pt>. Acesso em: 29 no. 2022.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de TOMAZ, T. da S.; GUARACIRA, L. L. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JANISSEK-MUNIZ, R.; LESCA, H.; FREITAS, H. Inteligência estratégica antecipativa e coletiva para tomada de decisão. **Revista Inteligência Competitiva**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 102-127, 2011. Disponível em: <https://iberoamericanic.org/rev/article/view/6>. Acesso em: 1 maio 2023.

LADEIA, L. C. M.; CASTRO, T. A Museologia LGBT existe? reconstruindo os passos do movimento LGBT+ junto à museologia brasileira. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 11, n.21, p. 231-248, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/41439>. Acesso em: 1 maio 2023.

MACHADO, G. B.; KRAEMER, R.; DANDOLINI, G. A.; SOUZA, J. A.; TODESCO, J. L. Perspectivas de pesquisa sobre inteligência estratégica antecipativa e coletiva (IEAC) por meio da análise de sentimento: um cenário didático de uso. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 10, n. 1, p. 152-164, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/148563>. Acesso em: 02 jun. 2022.

MAROEVIC, I. **Introduction to Museology – the European Approach**. Helsinki: Müller-Straten, 1998.

MATHIESEN, K. Informational Justice: a Conceptual Framework for Social Justice in Library and Information Services. **Library Trends**, Illinois, v. 64, n. 2, 2015. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2937417. Acesso em: 1 maio 2023.

MELO FILHO, E. T. Relações teórico-conceituais entre identidade e memória na perspectiva da Ciência da Informação. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 116-130, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/41286>. Acesso em: 06 mar. 2023.

MOUTINHO, M. C. Sobre o conceito de museologia social. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 1, n. 1, 1993. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/467>. Acesso em: 06 mar. 2023.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Criação de conhecimento na empresa: como as empresas japonesas geram a dinâmica de inovação**. 19. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

OLIVEIRA, E. B.; RODRIGUES, G. M. O conceito de memória na ciência da informação: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 311-328, mar. 2011.

Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/8511>. Acesso em: 22 jul. 2014.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**: teoria e história, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941>. Acesso em: 5 fev. 2023.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, Eliane Cristina de Freitas. Metodologia para construção de museus comunitários à luz da psicologia social comunitária. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2021, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: IBICT/UFRJ, 2021. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxienancib/paper/viewFile/290/232>. Acesso em: 5 nov. 2022.

RODRIGUES, D. A. O museu como instituição-memória. **Revista Benjamin Constant**, v. 30, p. 1-7, abr. 2005. Disponível em: http://antigo.ibc.gov.br/images/conteudo/revistas/benjamin_constant/2005/edicao-30-abril/O_MUSEU_COMO_INSTITUICAO_MEMORIA_30_2005.pdf. Acesso em: 5 fev. 2024.

ROSA, A. S. **História dos museus e das coleções**. Indaial: UNIASSELVI, 2021.

SANCHES, S. M. **Hermenêutica**. Indaial: Uniasselvi, 2013.

SANTANA, S. R.; MARTINS, E. E.; MELO, M. L. D.; SANTOS, R. F.; GIRARD, C. D. T. **Intersecções históricas, teóricas e práticas da museologia**: considerações do fazer da Museologia Social para fundamentar a Museologia LGBTQIA+. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023, Aracaju. **Anais [...]**. Aracaju: UFS; Ancib, 2023. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxxiiienancib/paper/view/1297>. Acesso em: 5 fev. 2024.

SANTANA, S. R.; SANTOS, R. F.; GIRARD, C. D. T.; MELO, M. L. D. Produção da informação gênero-sexualidade na ciência da informação: aspectos grupais, sociais e culturais LGBTQIA+ aplicados à biblioteconomia a partir do lugar de fala. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., Porto Alegre, RS, 2022. **Anais [...]**. Porto Alegre, RS, 2022. Disponível em: <https://www.ancib.org.br/enancib/index.php/enancib/xxiiienancib/paper/view/681>. Acesso em: 29 jan. 2023.

SCHEINER, T. **Bases Teóricas da Museologia (apostila pedagógica)**. Rio de Janeiro: Escola de Museologia / UNIRIO, 2009.

SILVA, L. E. F. Do “eu penso” da Ciência Moderna à consciência possível na Ciência da Informação: uma relação possível sob a égide da responsabilidade social da informação. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 6, n. 3, p. 3-14, set./dez. 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/6167>. Acesso em: 12 set. 2022.

SILVEIRA, A. R. **Gestão em museus**. Indaial: Uniasselvi, 2021.

SOUZA, L. C. C. E. Museu integral, Museu integrado: a especificidade latino-americana da Mesa de Santiago do Chile. **Anais Do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 28, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/155981>. Acesso em: 29 nov. 2022.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TEIXEIRA, O. A. Interdisciplinaridade: problemas e desafios. RBPG. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, n. 1, jul. 2004. Disponível em: <http://ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/22>. Acesso em: 20 dez. 2019.

TOLENTINO, A. Museologia Social: apontamentos históricos e conceituais. **Cadernos de Sociomuseologia: museus, sociomuseologia e fenomenologia**, Lisboa, v. 52, n. 8, p. 21-44, 2016. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5499>. Acesso em: 20 maio 2023.

UNESCO. **Declaração de Caracas**. Caracas, 14 nov. 1992. Fundação Catarinense de Cultura, Florianópolis, 04 de setembro de 2011. Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/a-fcc/sobre/1400-patrimonio-cultural/institucional/12362-12362-declaracao-de-caracas1992-novos-desafios-aos-museus-latino-americanos>. Acesso em: 19 set. 2024.

UNESCO. Declaração de Quebec, 2 de outubro de 1984. **Revista Museu**, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/legislacao/museologia/4894-1984-declaracao-de-quebec.html>. Acesso em: 19 set. 2024.

UNESCO. Mesa-Redonda de Santiago do Chile, Santiago, 31 de maio de 1972. **Revista Museu**, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/legislacao/museologia/3-1972-icom-mesa-redonda-de-santiago-do-chile.html>. Acesso em: 19 set. 2024.

EXPANDING THE MUSEOLOGY THEORETICAL-SYNTHETIC FIELD: THEORETICAL CONSIDERATIONS ABOUT THE LGBTQIA+ MUSEOLOGY TO ANCHORAGE EPISTEMOLOGICALLY SOCIAL MUSEOLOGY APPROACH

ABSTRACT

Objective: Delimited and discussed three epistemic dimensions from the studies of LGBTQIA+ Museology, as proposals to epistemologically anchor Social Museology.

Methodology: The research adopted a qualitative approach; Hermeneutics, in the epistemological facet as a method; it was theoretically based on studies of Social Museology and the adopted epistemic orientation was Linear Interdisciplinarity. **Results:** It is concluded that the dimensions 'Indemnities and memories', 'Reparation and social justice' and 'Risks and protection of the future' comprise the essence that makes up the notion of social, so they can be pointed out in the context of Social Museology as anchoring epistemic and broadening of the theoretical-synthetic phase of museology.

Conclusions: The dimensions systematize the compression and minimization of the logic of prejudice and discrimination of legacies in time and space.

Descriptors: Social Museology. LGBTQIA+ Museology. Epistemology. Hermeneutics.

AMPLIANDO EL CAMPO TEÓRICO-SINTÉTICO DE LA MUSEOLOGÍA: CONSIDERACIONES TEÓRICAS SOBRE LA MUSEOLOGÍA LGBTQIA+ PARA ANCLAR EPISTEMOLÓGICAMENTE EL ENFOQUE DE LA MUSEOLOGÍA SOCIAL

RESUMEN

Objetivo: Delimitar y discutir tres dimensiones epistémicas desde los estudios de Museología LGBTQIA+, como propuestas para anclar epistemológicamente la Museología Social. **Metodología:** La investigación adoptó un enfoque cualitativo; la hermenéutica, en la faceta epistemológica como método; se basó teóricamente en estudios de Museología Social y la orientación epistémica adoptada fue la Interdisciplinaria Lineal. **Resultados:** Se concluye que las dimensiones 'Indemnizaciones y memorias', 'Reparación y justicia social' y 'Riesgos y protección del futuro' comprenden la esencia que conforma la noción de social, por lo que pueden señalarse en el contexto de La Museología Social como anclaje epistémico y ampliación de la fase teórico-sintética de la museología. **Conclusiones:** Las dimensiones sistematizan la compresión y minimización de la lógica del prejuicio y la discriminación de los legados en el tiempo y el espacio.

Descriptores: Museología Social. Museología LGBTQIA+. Epistemología. Hermenéutica.

Recebido em: 22.06.2023

Sérgio Rodrigues de Santana, Josemar Henrique de Melo, Eliane Epifane Martins, Lília Mara de Menezes, Ana Cleide Patrício de Souza
Ampliando o campo teórico-sintético da Museologia: considerações teóricas da Museologia LGBTQIA+ para ancoragem epistêmica da Museologia Social

Aceito em: 06.08.2024